



EUROPA / Segundo relatório da inteligência norueguesa, pela primeira vez em 30 anos, Moscou posiciona submarinos e navios táticos no Mar Báltico, enquanto a Otan debate o envio de mais armas e munição a Kiev

Rússia mobiliza forças nucleares

Com a proximidade do primeiro aniversário da invasão da Ucrânia pela Rússia, aumenta potencialmente a tensão na região. Ontem, enquanto a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) debatia meios de acelerar o envio de armas e munições para Kiev, veio a público a informação de que Moscou começou a posicionar navios táticos nucleares no Mar Báltico, no norte da Europa. É a primeira vez que isso ocorre em três décadas, segundo informações do jornal espanhol *El País*, com base em um documento da inteligência da Noruega.

"A parte principal do potencial nuclear está nos submarinos e navios de superfície da Frota do Norte", alertou o relatório anual do Serviço de Inteligência Norueguês, destacando que o risco de uma escalada nuclear aumentou devido à possibilidade de desentendimentos entre Moscou e a Aliança Atlântica. De acordo com o informe, a movimentação de embarcações táticas era frequente durante a Guerra Fria, mas não havia ocorrido depois disso.

Segundo a inteligência norueguesa, os navios táticos representam uma ameaça "particularmente séria em vários cenários operacionais nos quais os países da Otan podem estar envolvidos". Moscou também agrupa aviões e helicópteros em torno da Ucrânia.

O Exército do presidente Vladimir Putin, apesar do desgaste de ações terrestres recentes, também estaria lançando uma nova e mais ampla ofensiva no leste da Ucrânia, conforme a Otan. "A Rússia está introduzindo novas tropas no campo de batalha. Muitas delas estão mal treinadas e mal equipadas, então a taxa de baixas tem sido realmente alta", observou o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin. Ele espera que as forças de Kiev lancem sua própria contraofensiva na primavera.

Avanço preocupante

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, afirmou, em

AFP



Militares ucranianos fazem uma trincheira perto de Bakhmut, no leste do país, para conter a invasão das tropas russas: combates intensos



A situação na linha de frente, e em particular nas regiões de Donetsk e Lugansk, segue sendo extremamente difícil. É literalmente uma batalha metro por metro"

Volodymyr Zelensky,
presidente ucraniano

discurso na noite de ontem, que a situação tem ficado cada vez mais delicada no leste do país, onde as tropas russas avançaram nas últimas semanas. Os combates pela cidade de Bakhmut se intensificavam. "A situação na linha

de frente, e em particular nas regiões de Donetsk e Lugansk, segue sendo extremamente difícil. É literalmente uma batalha metro por metro", declarou.

Ontem, foram ouvidos disparos de artilharia contra as linhas russas em torno de Bakhmut, alvo de uma grande ofensiva russa. A cidade não é considerada estratégica, mas se tornou um símbolo da resistência ucraniana. O chefe do grupo paramilitar russo Wagner, Yevgeny Prigozhin, admitiu dificuldades para conquistar Bakhmut. "Não será tomada amanhã, porque há forte resistência e bombardeios. É um moedor de carne em funcionamento", ressaltou.

Reunidos na sede da Otan, em Bruxelas, os aliados de Kiev se concentraram em garantir o fluxo de munições e blindados de que precisam para enfrentar a ofensiva russa no terreno. De sua parte, Zelensky atenuou as demandas por caças depois de

conseguir as promessas de tanques, defesa aérea e mísseis.

Ao sair da reunião, o general americano Mark Milley afirmou que a Rússia já é derrotada nessa guerra. "A Rússia perdeu, perdeu estrategicamente, operacional e taticamente, e está pagando um preço alto", opinou. No entanto, à medida que as hostilidades persistem, "a comunidade internacional continuará a apoiar a Ucrânia com o equipamento e as capacidades de que necessita", acrescentou.

Liderados pelos Estados Unidos, os aliados ocidentais de Zelensky, já forneceram dezenas de bilhões de dólares em armas para contribuir na defesa ucraniana.

Na segunda-feira, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, admitiu que a Ucrânia está usando mais munições do que a aliança é capaz de produzir e alertou que os contratos com as indústrias de armas precisam ser fortalecidos. Segundo a imprensa alemã, esses acordos

permitiriam a entrega de 300 mil munições a Kiev a partir de julho.

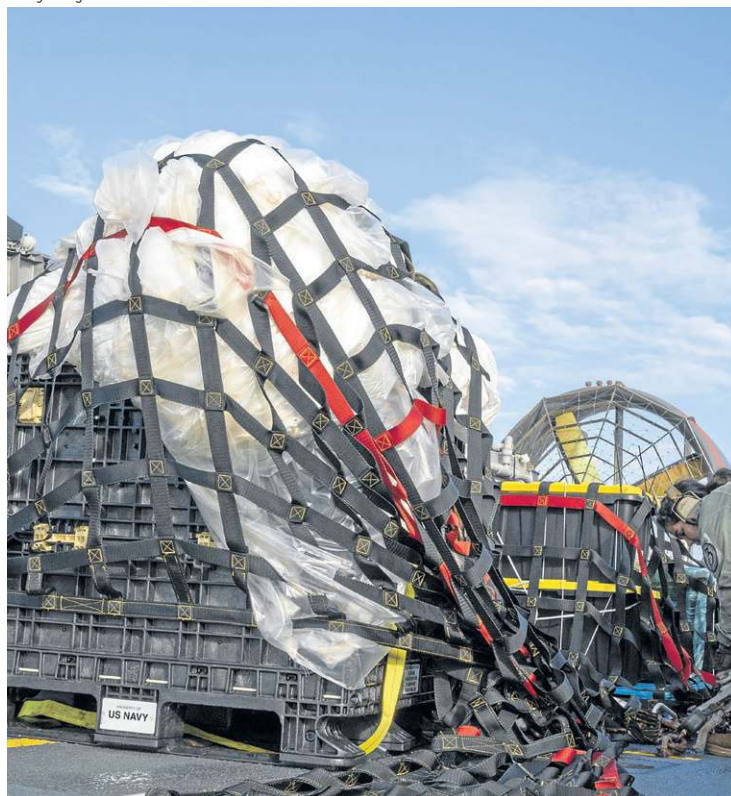
Para os aliados europeus da organização, o fluxo de munição para o armamento fornecido aos ucranianos tornou-se uma prioridade problemática. Stoltenberg assinalou que essa é uma guerra de desgaste e uma batalha logística. Os ucranianos precisam com urgência de munições de 155 milímetros, das quais usam milhares diariamente.

O ministro da Defesa da Alemanha, Boris Pistorius, anunciou que a indústria de seu país se prepara para fortalecer uma linha de produção de munição específica para sistemas de defesa antiaérea Guepard. De acordo com a mídia alemã, isso permitirá a entrega de 300 mil munições à Ucrânia a partir de julho. Por sua vez, a Eslováquia afirmou que está disposta a discutir o envio de antigos aviões MiG-29 soviéticos para ajudar a repor as perdas pelos ucranianos.

SUSPEITA DE ESPIONAGEM

Estados Unidos recuperam sensor de balão chinês

Getty Images via AFP



Artefato retirado do Oceano Atlântico pela marinha americana

Os Estados Unidos conseguiram recuperar partes significativas do balão chinês derrubado no início do mês na costa do estado da Carolina do Sul, sob suspeita de espionagem. Em meio ao material retirado do mar pelas equipes de busca, estão "todos os sensores prioritários e eletrônicos identificados, bem como grandes porções da estrutura", segundo comunicado divulgado, ontem, pelo Comando Norte dos Estados Unidos. O governo americano está certo de que se tratava de um artefato de espionagem, enquanto Pequim alega que o objeto era utilizado para fins de científicos, principalmente meteorológicos.

Washington está em alerta desde o fim de janeiro, quando o enorme balão branco pairando sobre bases militares foi avistado. Após o incidente, o Exército americano ajustou as configurações dos radares para detectar dispositivos menores e rapidamente descobriu mais três objetos

voadores não identificados, aparentemente "inofensivos".

Tão logo os artefatos foram detectados, o presidente Joe Biden ordenou a derrubada. Um estava sobre o Alasca, outro sobre o Canadá e o terceiro sobre o Lago Huron, no estado de Michigan. As três operações de destruição, realizadas no último fim de semana, foram deflagradas em nome da segurança do transporte. Segundo a Casa Branca, a aviação civil poderia ter sido comprometida.

Diante das especulações do Congresso, da mídia e da opinião pública, que vão desde uma ofensiva coordenada de espionagem chinesa até a chegada de extraterrestres, o governo americano, agora, afirma que os três novos objetos não parecem ser chineses ou envolvidos em missões de espionagem.

Segundo o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, as autoridades americanas, até agora, "não viram

nenhuma indicação ou qualquer coisa que aponte especificamente para a ideia de que esses três objetos faziam parte do programa de balões espies (da China) ou estavam envolvidos em tentativas externas de coleta de inteligência". Segundo ele, "poderiam ser balões que simplesmente têm vínculos com entidades comerciais ou de pesquisa e, consequentemente, seriam inofensivos".

Sob suspeita, as autoridades chinesas deram o troco e acusaram Washington de enviar seus próprios balões de espionagem sobre a China, algo que as autoridades americanas também negam. Nesse cenário, a relação entre as duas potências está abalada. A detecção do balão chinês levou ao cancelamento abrupto de uma viagem a Pequim do secretário de Estado, Antony Blinken. Seria a primeira visita de um chefe da diplomacia americana à China desde outubro de 2018.

TERREMOTO

Resgates milagrosos emocionam a Turquia

Uma sucessão de resgates de sobreviventes vem comovendo moradores das áreas afetadas pelo forte terremoto que atingiu a Turquia e a Síria na semana passada. Ontem, três jovens foram retirados com vida dos escombros de edifícios que desabaram em cidades turcas, após ficarem presos por mais de 198 horas. Até a noite de ontem, a tragédia já havia deixado um número superior a 35 mil mortos nos dois países.

Emissoras de televisão locais transmitiram ao vivo o momento em que os irmãos Muhammed Enes e Abdulkabi Yeniar, de 17 e 20 anos, respectivamente, foram salvos em Kahramanmarash. Eles foram enviados a hospitais, com diferentes graus de ferimentos. Não passou muito tempo, socorristas também conseguiram tirar dos escombros Muhammed Cafer Çetin, 18 anos, na cidade de Adiyaman.

Os resgates dos jovens ocorreram oito dias depois do desabamento de milhares de edifícios em dez províncias da Turquia, onde pelo menos 80 mil sobreviventes foram localizados entre os escombros.

Por causa do longo período, esses salvamentos vêm sendo encarados como verdadeiros milagres — segundo os especialistas, passadas 72 horas de catástrofes do tipo, é muito difícil encontrar pessoas com vida.

Diante disso, as buscas pararam em vários locais e muitas equipes estrangeiras voltaram para os países de origem. No lugar das equipes de resgate, máquinas pesadas começaram a retirar os destroços dos edifícios que desabaram.

O governo turco, bastante criticado pela resposta à tragédia, vem se desdobrando para atender as dezenas de milhares de pessoas que perderam suas casas. De acordo com o vice-presidente da Turquia, Fuat Oktay, até o início da madrugada de ontem, campos com tendas de campanha haviam sido montados em 257 pontos nas regiões mais castigadas.

Além disso, disse Oktay, foi completada a infraestrutura de 27 "cidades" de contêineres, com o objetivo de alojar de 150 mil a 200 mil desses equipamentos. "Há cerca de 20 mil pessoas alojadas", afirmou Oktay.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) o terremoto da semana passada é o pior desastre natural na região da Europa em um século. "E ainda estamos medindo sua escala", disse Hans Kluge, diretor da agência para essa área, que abrange 53 países, incluindo Turquia e países da Ásia Central. "Seu verdadeiro custo ainda não é conhecido e levará muito tempo e esforço para se recuperar e curar", acrescentou o especialista.

AFP



Socorrista vasculha escombros em Kahramanmaras